

Eu Sou Neguinha

Vanessa da Mata

Eu tava encostado ali minha guitarra
Num quadrado branco, verdeo papelro
Eu era um enigma, uma interrogasro
Olha que coisa
Mas que coisa a toa, boa, boa, boa, boa, boa
Eu tava com grasa...
Tava por acaso ali, nro era nada
Bunda de mulata, muque de pero
Tava em Madureira, tava na Bahia
No Beaubourg, no Bronx, no Brós
E eu, e eu, e eu, e eu
A me perguntar
Eu sou neguinha?

Era uma mensagem
Lia uma mensagem
Parece bobagem mas nro era nro
Eu nro decifrava, eu nro conseguia
Mas aquilo ia, e eu ia, e eu ia, e eu ia, e eu ia
Eu me perguntava

Era um gesto hippie, um desenho estranho
Homens trabalhando, para e contramro
E era uma alegria, era uma esperansa
Era danza e danza ou nro, ou nro, ou nro, ou nro, ou nro
Tava perguntado:
Eu sou neguinha?
Eu sou neguinha?
Sou neguinha...
Eu sou neguinha?
Sou neguinha...

Eu tava rezando ali completamente
Um crente, uma lente, era uma visro
Totalmente terceiro sexo
Totalmente terceiro mundo terceiro milknio
Carne nua, nua, nua, nua, nua, nua
Era tro gozado
Era um trio elġtrico, era fantasia
Escola de samba na televisro
Cruz no fim do tġnel, beco sem sanda
E eu era a sanda, melodia, meio-dia, dia, dia, dia
Era o que eu dizia:
Eu sou neguinha?

Mas via outras coisas: via o mozo forte
E a mulher macia den'da escuridro
Via o que ħ vishvel, via o que nro via
E o que poesia e a profecia nro vkem
Mas vkem, vkem, vkem, vkem, vkem
ħ o que parecia
Que as coisas conversam coisas surpreendentes
Fatalmente erram, acham solusro
E que o mesmo signo que eu tento ler e ser
ħ apenas um possġvel e o impossġvel
Em mim, em mil, em mil, em mil, em mil
E a pergunta vinha:

Eu sou neguinha?